

DISCUSSÃO SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS PERIFÉRICAS NA LITERATURA CIENTÍFICA: uma revisão sistemática (2011-2020)

Tadeu Lucas de Lavor Filho¹

Luciana Lobo Miranda²

Resumo

Os estudos culturais contemplam diferentes áreas disciplinares das Ciências Humanas e Sociais. As investigações sobre as práticas culturais indicam reflexões sobre os modos de sociabilidade humana, desenvolvimento sociocultural e a cotidianidade de territórios. Com este texto, objetivou-se discutir o campo conceitual das práticas culturais periféricas e juventudes por meio de uma Revisão Sistemática de literatura científica. Metodologicamente, foi desenvolvida uma Revisão Sistemática de Literatura na Plataforma de Periódico Científicos da CAPES com intervalo de 2011 a 2020. As bases de dados acessadas são: *OneFile (GALE)*; *Directory of Open Access Journals (DOAJ)*; *Scopus (Elsevier)*; *Scielo*; *Sociological Abstracts*; *Web Of Science*. Na estratégia de busca elencada foram recuperados 1099 estudos, dos quais 12 foram incluídos para análise de síntese. Adotamos o PRISMA - Principais Itens para relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises como o guia de redação nesta revisão sistemática. Como resultado e discussão, os manuscritos se inserem no campo dos estudos culturais e apresentam diferentes perspectivas epistemológicas, teóricas e metodológicas sobre as práticas culturais periféricas. A periferia é uma categoria semiótica e crítica que extrapola uma visão geográfica e limítrofe do eixo centro-periferia. A partir da síntese analítica, a periferia se situa como um território de polifonias artísticas dos modos de vida. As práticas culturais periféricas, além de sua construção de significados nas relações sociais, são possibilidades de experimentações e afetividades que instituem um ethos estético-ético-político de implicações subjetiva de cada sujeito que nela habita e é interpelado.

Palavras-chave: Práticas culturais; Práticas culturais periféricas; Periferia; Subjetividade; Revisão sistemática.

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza - CE, Brasil. Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), Icó - CE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2687-1894>. E-mail: tadeulucaslf@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza - CE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7838-8098>. E-mail: luciana.miranda@ufc.br.

DISCUSSION ON PERIPHERAL CULTURAL PRACTICES IN THE SCIENTIFIC LITERATURE: a systematic review (2011-2020)

Abstract

Cultural studies include different disciplinary areas of the Humanities and Social Sciences. Investigations on cultural practices indicate reflections on the modes of human sociability, sociocultural development and the daily life of territories. With this text, we aimed to discuss the conceptual field of peripheral cultural practices and youth through a systematic review of scientific literature. Methodologically, a Systematic Literature Review was developed in the CAPES Scientific Journal Platform, with a range from 2011 to 2020. The databases accessed are: OneFile (GALE); Directory of Open Access Journals (DOAJ); Scopus (Elsevier); Scielo; Sociological Abstracts; Web Of Science. The listed search strategy retrieved 1099 studies, of which 12 were included for synthesis analysis. We adopted PRISMA - Main Items for Reporting Systematic Reviews and Meta-Analyses as the writing guide in this systematic review. As a result and discussion, the manuscripts fall within the field of cultural studies and present different epistemological, theoretical, and methodological perspectives on peripheral cultural practices. The periphery is a semiotic and critical category that extrapolates a geographical and borderline view of the center-periphery axis. From the analytical synthesis, the periphery is situated as a territory of artistic polyphonies of ways of life. The peripheral cultural practices, besides their construction of meanings in social relations, are possibilities of experimentations and affectivities that institute an aesthetic-ethical-political ethos of subjective implication of each subject that lives there and is interpellated.

Keywords: Cultural practices; Peripheral cultural practices; Periphery; Subjectivity; Systematic review.

DEBATE SOBRE LAS PRÁCTICAS CULTURALES PERIFÉRICAS EN LA LITERATURA CIENTÍFICA: una revisión sistemática (2011-2020)

Resumen

Los estudios culturales abarcan distintas áreas disciplinarias de las Ciencias Humanas y Sociales. Las investigaciones sobre las prácticas culturales indican reflexiones sobre los modos de sociabilidad humana, el desarrollo sociocultural y la vida cotidiana de los territorios. Este texto pretende discutir el campo

conceptual de las prácticas culturales periféricas y la juventud a través de una Revisión Sistemática de la literatura científica. Metodológicamente se desarrolló una Revisión Sistemática de la Literatura en la Plataforma CAPES de Revistas Científicas con un intervalo de 2011-2020. Las bases de datos a las que se accede son: OneFile (GALE); Directory of Open Access Journals (DOAJ); Scopus (Elsevier); Scielo; Sociological Abstracts; Web Of Science. La estrategia de búsqueda enumerada recuperó 1099 estudios, de los cuales se incluyeron 12 para el análisis de síntesis. Se adoptó PRISMA - Main Items for Reporting Systematic Reviews and Meta-Analyses como guía de redacción en esta revisión sistemática. Como resultado y discusión, los manuscritos se inscriben en el campo de los estudios culturales y presentan diferentes perspectivas epistemológicas, teóricas y metodológicas sobre las prácticas culturales periféricas. La periferia es una categoría semiótica y crítica que extrapola una visión geográfica y fronteriza del eje centro-periferia. Desde la síntesis analítica, la periferia se sitúa como territorio de polifonías artísticas de formas de vida. Las prácticas culturales periféricas, más allá de su construcción de significados en las relaciones sociales, son posibilidades de experimentación y afectividad que instituyen un ethos estético-ético-político de implicación subjetiva de cada sujeto que allí habita y es interpelado.

Palabras clave: Prácticas culturales; Prácticas culturales periféricas; Periferia; Subjetividad; Revisión sistemática.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetivou discutir o campo conceitual das práticas culturais periféricas por meio de uma Revisão Sistemática (RS) de literatura científica. O interesse em constituir este estudo se justifica pela necessidade de conhecer a tematização do assunto a partir de artigos publicados e indexados em bases de dados, sobretudo de estudos que têm pautado suas reflexões críticas em experiências teóricas e práticas acerca do território de periferia e suas práticas culturais decorrentes das relações sociais, históricas, políticas, psicossociais e artísticas das relações humanas. A revisão sistemática nos permite acessar contribuições de outras/es/os autores que estão discutindo o tema das práticas culturais e periferia. Buscamos conhecer quais discussões são tecidas sobre essas duas categorias, e mais do que isso, as tensões que são produzidas no emergente cotidiano da periferia.

A amplitude dos estudos culturais nas Ciências Humanas e Sociais revela uma diversidade de apostas teóricas sobre o desenvolvimento humano

sociocultural, bem como a produção de memórias sociais em torno de práticas individuais e coletivas (Branco, 2006; Escosteguy, 1998). O campo de estudo sobre a cultura perpassa diferentes áreas do conhecimento, tendo como pioneira a Antropologia, mas outras áreas também foram ganhando espaço e amplitude de investigação como a Literatura, História, Sociologia, Psicologia e Ciências Políticas (Escosteguy, 1998).

Alguns autores são referências nos estudos culturais a partir da década de 1950, a saber: Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, e posteriormente temos outros autores de indicação como Stuart Hall, Ben Agger, John Storey. Estes autores homens inscrevem uma contribuição significativa dos estudos culturais e marcam geopoliticamente um predomínio europeu sobre a produção do conhecimento (Escosteguy, 2001).

No estrangeirismo de outros territórios, os estudos culturais parecem ter uma inserção disciplinar independente, ao contrário do que é no Brasil, que inicialmente se localizou como uma espécie de periferização das Ciências Sociais. Isso reflete uma posição de investigação da área que ganhou força de estudo sobre objetos de estudo nas escolas de comunicação, isto é, a cultura foi observada nessa perspectiva como um vetor comunicacional temporal e espacial. Aparenta faltar pelo menos no início do século XXI um movimento de emancipá-la e ampliá-la nos estudos das Ciências Humanas e Sociais (Ortiz, 2004).

Essa relação de interface disciplinar com outras áreas vai ganhando extensão, por exemplo, na Educação e na Pedagogia. A incorporação dos estudos culturais abriu a possibilidade de compreender fenômenos da educação contemporânea relacionadas à prática curricular, perspectivas de ensino, às demandas socioculturais do mercado e da mídia, além da própria relação cotidiana da função social da escola (Costa, Silveira & Sommer, 2003).

Mais recentemente, novas áreas de tematização estão se interessando pelos estudos culturais como as correntes teóricas sociotécnicas e Onlines da cultura digital (Almeida, 2016), a produção de práticas culturais em torno da herança indígena e suas interfaces com a sociabilidade urbana contemporânea (Carvalho, 2021). Além disso, os investimentos de pesquisas e estudos sobre as

práticas culturais cotidianas de territórios periféricos (Pina, 2021) e da ênfase que se tem dado no Brasil acerca de antropologias das juventudes (Bittencourt & Pereira, 2021).

Somado a isso, reflexões sobre os estudos culturais e suas interfaces sobre a relação culturas periféricas e colonialidade tem se mostrado uma interface importante para compreender as interculturalidades de territórios que tiverem seus arsenais culturais massacrados pelos regimes de exploração e catequização cristã (Dussel, 2016).

Essa discussão tem possibilitado problematizar os imperialismos culturais que não são contados pela história ocidental, e que são responsáveis pelo apagamento de práticas culturais indígenas, ameríndias, de povos tradicionais, povos pretos e suas negritudes, dentre outros. Os efeitos dessa colonialidade imperial na cultura mundial foi a sobreposição de regimes e depredação simbólica e material do hemisfério Sul - a periferia do mundo (Dussel, 2016).

É a partir dessas reflexões iniciais que buscamos nessa RS ampliar uma leitura sobre essa condição do estudo da cultura no âmbito da periferização da vida. Tomamos como categoria central neste estudo as práticas culturais periféricas, visando conhecer diversas possibilidades de investigação e tessituras analíticas sobre o cotidiano de práticas nos territórios pulsantes em que há modos de vida historicamente negligenciados e esquecidos - as vidas periferizadas. Discutir como a literatura tem trabalhado as práticas culturais relacionadas a vida na periferia nos ajudará a pensar o nosso próprio processo de pesquisa aqui em curso. A seguir, apresentamos o percurso metodológico desenvolvido e as sínteses construídas com base na literatura científica analisada.

MÉTODO

O método utilizado neste estudo foi a operacionalização da revisão sistemática de literatura (RS). Utilizamos como referências as contribuições de Zoltowski et al., (2014) e Sampaio e Mancini (2007), que tratam a revisão sistemática como um método de investigação qualitativa de estudos primários,

cujo objetivo é a sistematização e categorização dos fenômenos analíticos e metodológicos dos artigos publicados nas bases de dados. A RS permite qualificar uma discussão consubstanciada acerca de recentes produções científicas, dentro de um recorte delimitado, sobre um determinado assunto pesquisado (Costa & Zoltowski, 2014).

Como procedimento de estruturação metodológica da RS, seguimos as orientações de Sampaio & Mancini (2007) e Galvão (2015), cujo protocolo de elaboração da RS consiste no guia de redação do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). Isto é, para a estratégia de busca adotamos as seguintes diretrizes: a) delimitação da recuperação de estudos a partir do subsidiamento da pergunta de partida; b) escolha dos descritores e estratégia de busca na base de dados; c) elegibilidade dos estudos primários e seleção do banco de dados; d) avaliação e síntese da qualidade teórico-prática dos conteúdos sistematizados e, e) apresentação sumarizada e dialogada dos estudos. O primeiro estabelecimento de busca foi o recorte temporal que compreendeu os últimos dez anos (2011-2020), tendo em vista a exigência de qualificar uma discussão atualizada de publicação do assunto. Esta revisão teve como pergunta norteadora: como o campo teórico/prático das práticas culturais periféricas são tematizadas na literatura científica dos últimos 10 anos (2011-2020)?

Para a escolha dos descritores e a elegibilidade dos estudos apoiamos na decisão de seguir com a palavra-chave disparadora de “Práticas culturais”, e com base nas variações de categorias investigadas na pesquisa de doutorado, utilizamos outros descritores livres, cuja apresentação completa pode ser identificada na tabela 1. Para a seleção dos estudos optamos por realizar a busca no sítio institucional do Portal de Periódicos da Capes. O acesso no sítio foi operacionalizado com base no acesso da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) destino para usuários com vínculo institucional em universidades públicas federais. Isto permitiu que acessássemos bases de dados públicas e restritas de acesso pago.

Tabela 1 - Artigos recuperados a partir da busca de descritores (2011-2020).

Etapas	Descritores e operador booleano operacionalizado	Artigos recuperados	Revisados Por Pares
1	“Práticas culturais”	973	800
2	“Práticas culturais periféricas”	2	2
3	“Cultura periférica” OR “cultura de periferia”	17	15
4	“Práticas culturais” AND Periferia	93	81
5	“Linguagens culturais” AND Periferia	3	3
6	“Linguagens artísticas” AND Periferia	11	10
	Total	1099	911
	Incluídos na Pré-Análise	-	12

Fonte: Coleta realizada na Plataforma de Periódico Capes (Brasil), (16. Jul. 2021).

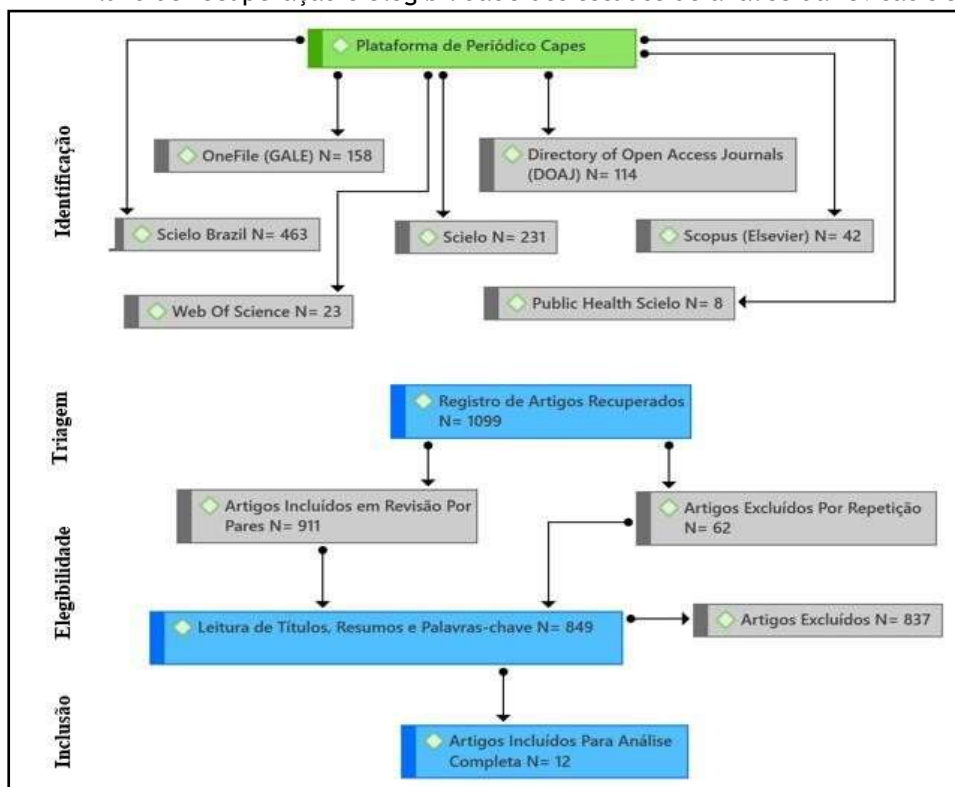
Dando seguimento na elegibilidade dos estudos, primeiramente foram recuperados o quantitativo de 1099 estudos, logo depois, foi aplicado o recurso de seleção de Revisados Por Pares obtendo um recorte de 911 estudos. Após essa etapa, operacionalizamos a seleção pareável com a leitura de juízes, da qual participaram duas pessoas independentes com experiência e publicação em revisão sistemática. Nesta etapa, cada um leu os 911 resumos, aprovando e reprovando os resumos, tendo as discordâncias negociadas para uma decisão final. Os estudos foram lidos nos idiomas Português, Inglês e Espanhol. O fluxograma da elegibilidade dos estudos pode ser observado na figura 2 abaixo.

Para esta etapa de pré-seleção dos juízes, os critérios de inclusão foram: a) textos em formato de artigo científico (relato de pesquisa e/ou ensaio teórico); b) artigo que apresenta contribuição de autores brasileiros e/ou latino-americanos; c) artigo empírico e/ou teórico; d) artigo que apresenta uma discussão sobre estudos culturais e/ou práticas culturais; e) artigos com ênfase

e escopo de assunto em periferias; f) artigo que apresente uma relação sobre artes e/ou cultura e juventude. Os critérios de exclusão em suma foram: f) estudos em outras estruturas (capítulo de livro, editorial, teses e dissertações, boletins, etc.); g) estudos que fugissem da proposta de assunto investigada. Ao todo foram aprovados 12 estudos para a etapa de leitura completa e síntese analítica desses manuscritos.

Como o Portal de Periódico Capes é um sítio que engloba várias bases de dados, para este estudo foram acessadas as seguintes bases: OneFile (GALE); Directory of Open Access Journals (DOAJ); Scopus (Elsevier); Scielo; Sociological Abstracts; Web Of Science. Isto possibilitou uma vasta amplitude da busca em diferentes escopos e sintaxes de bases diferentes. Por finalização, após a escolha de elegibilidade dos 12 estudos, seguiu-se a análise completa de avaliação qualitativa de cada artigo científico, cuja apresentação seguirá na próxima seção.

Figura 2 - Fluxo de recuperação e elegibilidade dos estudos de análise da revisão sistemática.



Fonte:Elaborado pelos/as autores/as (2022).

RESULTADOS

Após a análise de juízes e decisão de aprovação do quantitativo de 12 estudos, seguiu-se a avaliação metodológica e analítica dos estudos acerca de suas especificidades, das quais elegemos para apresentar nesta seção: a) delineamento metodológico; b) procedimentos e técnicas metodológicas; c) região de vinculação institucional dos primeiros autores; e d) as áreas de escopo dos periódicos científicos. Esta etapa compreendeu a orientação de Sampaio e Mancini (2007) acerca da sistematização dos estudos. Desse modo, com relação aos delineamentos identificou-se que 83,33% são trabalhos empíricos (N=10) e 16,67% são teóricos (N=2). Com relação ao idioma, os 12 estudos estão publicados em idioma Português.

Visto isso, realizamos também uma estratificação regional da filiação institucional dos/as primeiros autores/as de cada estudo, tendo como resultado: Sudeste (n=9), Sul (n=0), Nordeste (n=3), Norte (n=0) e Centro-oeste (n=0). Os artigos científicos publicados e selecionados advêm de periódicos de diferentes áreas do conhecimento, a saber: Educação, Cultura e Comunicação (n=5), Estudos sociológicos da Cultura (n=2), Estudos de Linguagem, Linguística e Cultura (n=1), e Estudos culturais do território (n=4). Vale salientar que não foram identificados e incluídos artigos com escopo da área da Psicologia. A seguir, na tabela 2 e 3 apresentamos algumas informações do banco de dados dos artigos científicos analisados, possibilitando identificar os escopos e temáticas individuais. Na tabela 2 apresentamos os estudos incluídos na análise da RS.

Tabela 2 - Banco de dados da revisão sistemática de literatura.

Número	Título	Autores	Periódico	Ano
01	Sentidos e significados de práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador, Bahia, Brasil.	Adriana Miranda Pimentel	Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia	2012
02	Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político.	Livia de Tommasi	Política & Sociedade	2013
03	Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo.	Renato Souza de Almeida	Rev. Inst. Estud. Bras.	2013
04	A favela na cena da cultura urbana do Rio de Janeiro.	José Luiz Barbosa	Espaço e Cultura	2014
05	As práticas culturais no Central da periferia: características e argumentos de valor.	Denise Figueiredo Barros do Prado	Rumores	2014
06	Cultura de rua e políticas juvenis periféricas: aspectos históricos e um olhar ao hip-hop em África e no Brasil.	Rosana martins; Miguel de Barros; Redy Wilson Lima	Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia	2015
07	Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito.	Alexandre Barbosa-Pereira	Rev.latinoam.cienc.soc.niñez	2016
08	A cultura urbana periférica: silenciamentos e táticas.	Rôssi Alves Gonçalves ; Marildo José Nercolini	Soletras	2018
09	Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil.	Denise H. P. Laranjeira , Mirela Figueiredo Iriart e Eduardo Luedy	Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia	2018

10	Dinâmicas dos Movimentos Sociais: Reflexões sobre Cultura e Oportunidades Políticas.	Joana Tereza Vaz de Moura	Mediações	2018
11	Um olhar sobre o processo de subjetivação do mc ts: a favela, o fluxo e (est)ética do consumo.	João Augusto Neves	Periferia	2019
12	Periferia que transforma: a cultura de sujeitas/os periféricas/os.	Brenda Silva	Extraprensa	2019

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as em Outubro de 2021.

Na tabela 3 apresentamos os resultados por estudo analisado, seu objetivo geral traçado pelos autores, e posicionamos categoricamente e didaticamente a área de conhecimento de que se trata os estudos incluídos, levando em consideração escopo e temática abordada nos manuscritos, respectivamente.

Tabela 3 - Artigos selecionados e suas especificidades de enredo.

Estudo	Objetivo do estudo	Áreas do Conhecimento dos Artigos
01	O artigo apresenta um estudo etnográfico que buscou conhecer os sentidos e significados das práticas culturais de jovens em um bairro pobre da cidade de Salvador, Bahia, Brasil.	Educação, Cultura e Comunicação
02	O texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa, de caráter exploratório, voltada a indagar as manifestações culturais que acontecem nas periferias de três regiões metropolitanas: Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.	Estudos sociológicos da Cultura
03	O artigo trata da experiência de um coletivo cultural na Zona Leste da cidade de São Paulo, destacando sua atuação política junto a outros coletivos juvenis que atuam nas periferias e como se dá o processo de apropriação do espaço urbano por meio das intervenções artísticas.	Estudos culturais do território
04	O trabalho se propõe a trazer as favelas para cena cultural do Rio de Janeiro, sobretudo para identificar suas experiências estéticas no devir da cidade.	Estudos culturais do território
05	Apresentamos, aqui, como são realizadas a caracterização e a construção do valor das práticas culturais de grupos considerados periféricos no projeto Central da periferia.	Estudos culturais do território
06	O objetivo do ensaio é analisar as ações culturais do hip-hop em África e Brasil como possíveis mediações para novas práticas de sociabilidade e formas de representação diante aos diversos conflitos presentes no cotidiano.	Educação, Cultura e Comunicação
07	O objetivo do artigo é analisar eventos protagonizados por jovens em shopping centers de grandes cidades brasileiras nas férias de verão de 2013/2014. Trata-se dos chamados “rolezinhos”, encontros de jovens fãs de música “funk carioca” marcados pelas redes sociais.	Educação, Cultura e Comunicação

08	Neste artigo, analisamos duas manifestações fundamentais da arte urbana da cidade do Rio de Janeiro, entendendo-as como narrativas anticanônicas da cidade: as Rodas Culturais e os Bailes Funk, ambas produzidas por sujeitos advindos das periferias cariocas.	Estudos de Linguagem, Linguística e Cultura
09	O artigo pretende compreender o papel da arte nos processos de inserção social e política de jovens na cidade de Feira de Santana, Bahia, investigando a produção e difusão cultural de alguns coletivos e circuitos culturais juvenis, através de um estudo inspirado na etnografia urbana e na cartografia psicossocial.	Educação, Cultura e Comunicação
10	Refletir sobre as dinâmicas dos movimentos sociais contemporâneos a partir das análises e discussões sobre a abordagem culturalista e a perspectiva dos processos políticos.	Estudos sociológicos da Cultura
11	O texto trata de apresentar experiências sobre algumas análises possíveis sobre a cultura funk, a favela e a (est)ética do consumo.	Educação, Cultura e Comunicação
12	Neste artigo recupero elementos do fenômeno urbano periferia para (re)conhecermos a atuação de sujeitas/os periféricas/os na realização de algumas práticas artísticas e que também são recursos políticos e informacionais que geram processos de mudanças sociais ao ressignificar o território periferia.	Estudos culturais do território

Fonte: Elaborado pelos/as autores/as em Outubro de 2021.

DISCUSSÃO

PRÁTICAS CULTURAIS E SUAS IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS

Os estudos culturais e antropológicos foram os aportes epistemológicos e teóricos que prevaleceram dentro dos estudos analisados, com referências a S. Hall, García Canclini, Abu-Jamal, M. Certeau, H. Glevarec, R. Williams, J. Pais, e H. Abramo. A presença desse campo de estudos é sinalizadora de que se trata de uma corrente das Ciências Humanas e Sociais que têm intensificado esforços para qualificar um debate sobre a cultura em suas diferentes peculiaridades. Em suma, a cultura como elemento histórico e social, reconhecido pela sua intangibilidade, é posicionada para explicar o funcionamento do ordenamento social e para circunscrever como as estéticas e a semântica dos fenômenos culturais são lentes para retratar a nossa constituição civilizatória. Por outro lado, a cultura foi também já utilizada para referenciar e explicar o caos social, sobretudo no início do século XX (Barbosa, 2014; Gonçalves & Nercolini, 2018).

As práticas culturais, nessa relação simbiótica entre “práticas” e “cultura”, são chanceladas para possibilitar uma explicação complexa e menos inerte da criação e reprodução de fenômenos culturais produzidos no cotidiano. O cotidiano se torna palavra-chave na sua própria conceituação (Barbosa, 2014). Tratam-se de práticas, por que não é possível reconhecer as heranças e intervenções como recortes e intervenções estáticas no mundo, por exemplo, na relação tempo-espço, mas como uma constante imersão nos processos de linguagem, comunicação, expressão e afetações nos modos de ser (Barbosa, 2014; Pimentel, 2012).

A cultura assume representatividades imagéticas diferentes em torno dos espaços, não apenas à nível internacional, nacional, e regional, mas como as próprias cisões entre centro/periferia e urbano/rural, por exemplo. A relação de disputa pela cultura é uma marca de que ela sempre está em movimento, e sobretudo, de que são estes os atritos responsáveis por gerar significações culturais diversas. Essas relações de tensão entre culturas permitem também tecer observações sobre como processos hegemônicos exercem efeitos nos modos de vida (Barbosa, 2014).

O reconhecimento de uma cultura de periferia é associado a diversos fatores, dos quais primeiramente são atravessadas pela constituição de território marginalizado, e do qual vivem sujeitos em condição de pobreza, segregação racial, precarização da vida, e outras inúmeras vulnerabilidades sociais (Prado, 2014; Pereira, 2016; Gonçalves & Nercolini, 2018; Silva, 2018). Percebe-se que na contemporaneidade, os recursos midiáticos têm se preocupado com essas formas representativas e clássicas de comunicação da imagem da periferia, e por isso, o mercado do consumo parece ter se apropriado do recurso dessas práticas culturais tidas como “de periferia” e tem atribuído o discurso de um embelezamento do espaço. Sabe-se que essas conotações muitas vezes veladas por uma ostentação ficcional de culturas das “quebradas” tendem a invisibilizar as reais histórias e desafios do cotidiano no território, sobretudo enfrentadas pelas juventudes periferizadas (Tommasi, 2013; Prado, 2014).

Ao analisar o contexto brasileiro com relação às nossas práticas culturais, que são ações cotidianas e de implicação subjetiva, estas também se caracterizam e exercem marcas de nossas heranças históricas criando os hibridismos culturais operantes nos processos grupais (Barbosa, 2014). Essa leitura híbrida que podemos fazer dos regionalismos e das produções intergeracionais, como é no caso das produções juvenis, por exemplo, nos apresenta uma diversidade que não é apenas quantitativamente vasta, mas intensa, pois permite não apenas fazer inferências estéticas, como também políticas (Tommasi, 2013).

Deve-se também em parte aos hibridismos o que Martins, Barros e Lima (2015) abordam acerca dos imperialismos culturais, essa herança colonial presente nas composições de sociedades como foi no caso do continente sul-americano e africano. Essa suposta miscigenação de culturas que, ao introduzir novas práticas, violentou histórias e costumes localizados. Inclusive, salienta-se que as práticas culturais são produtos das grupalidades sociais, das quais são oportunas para o nosso debate, e em especial o campo dos movimentos sociais. Para Moura (2018), a própria dinâmica de interesses, propósitos, desfechos e pautas dos movimentos, sejam empiricamente e/ou teoricamente, abrem um leque de subsídio analíticos sobre as relações sociais, sobretudo tem mostrado uma expertise de performances e atitudes situados no tempo presente e geograficamente com os territórios.

Pode-se também posicionar uma leitura desses hibridismos em torno das diferenças de estéticas culturais sobre o prisma da composição de tribos, como nos apontam alguns textos analisados (Barbosa, 2014; Martins, Barros & Lima, 2015; Neves, 2019), cuja compreensão é oriunda de uma leitura socioantropológica e pragmática das diferenças culturais exercidas pelos grupos urbanos. Apenas alguns dos estudos analisados (Pimentel, 2012; Tommasi, 2013; Pereira, 2016; Moura, 2018) apontam como representatividade as composições de grupos juvenis como emblemas para essas tribos urbanas, porém não é algo que deve ser tomado como exclusivo desse recorte geracional. A exemplo, algumas práticas de performances juvenis justamente afirmam o território periferizado através de suas letras, melodias, costumes e modos de como os

jovens se relacionam entre si para vivenciar condições de lazer, entretenimento, e até mesmo as amizades.

Para reforçar essa ideia, Prado (2014) lança reflexões a partir dos estudos antropológicos de que a coexistência de diferentes práticas culturais não necessariamente indica um ponto negativo disso nos territórios de periferia, que é o que se legitima em seu texto. A presença de repertórios culturais distintos, mesmo que sejam denotados como uma representação de uma tradicionalidade cultural, contribuem para que as produções artísticas juvenis sejam criadas, uma vez que as tensões que mobilizam essas expressões são diversas (Prado, 2014; Martins, Barros & Lima, 2015; Silva, 2019).

Para Moura (2018), a cultura é ferramenta de ação e intervenção no mundo. Por meio dela, os sujeitos também modificam seus espaços de convívio e criam mecanismos de poder e práticas discursivas. É também nessa inserção nas contingências comportamentais que a cultura igualmente contribui para crenças, valores e atitudes de grupos/comunidades. Por isso, a indissociação entre movimentos sociais e estudos culturais é um risco na analítica da produção de conhecimento sobre seus impactos e efeitos no cotidiano.

Como política do cotidiano, as práticas culturais afirmam e posicionam condições de vida, isto é, as trajetórias são feitas na simplicidade das ações e atitudes do dia a dia. Desse modo, a cultura também é atravessada pelos acontecimentos que escrevem um regime de historicização do tempo e espaço, e de uma determinada localidade. O sujeito não é inserido na cultura como um agente passivo e nem sua função cultural é unicamente adjetivadora de suas condutas (Pimentel, 2012).

A PERIFERIA COMO TERRITÓRIO DE PRÁTICAS CULTURAIS

Os estudos analisados apresentam definições distintas sobre território, cujos embasamentos teóricos são orientados por definições geográficas, sociológicas, antropológicas, históricas e interdisciplinares. Em alguns estudos (Tommasi, 2013; Barbosa, 2014), percebeu-se uma necessidade de caracterizar de forma contundente as realidades de contraste social da relação Centro-

Periferia, de modo que essa relação também foi cooptada pelo capitalismo maximizando uma lógica perversa de consumo, isto é, são espaços de mão-de-obra de trabalho opressora e midiaticização fantasmagórica dos corpos que assumem representatividades divergentes na sociedade, muitas das vezes o lugar da periferia é do desumano, do indócil, do vândalo.

A cidade é um conceito que aparece diverso e, em alguns momentos, com ambivalências sobre sua conceituação além da dimensão 'territorial'. Sistemáticamente, a cidade abarca uma significação de território material, imaterial, vivo, existencial, criativo, espaços de guerra, espaços de pertencimento, lugares estéticos, espaços de memória, e território de modos de vida subjetivos. O lugar da cidade como território de exercício de práticas culturais se torna potencializado quando os sujeitos que dão contorno estéticos a estas vivências se apropriam da história do lugar promovendo uma representatividade social dessa herança cultural, e sobretudo, convocando em suas cotidianidades a marca política dos fenômenos socioculturais. É com relação a essa apropriação cultural, que a cidade na sua disputa territorial e de poder sobre o capital, que as práticas culturais são tomadas como ferramentas simbólicas e políticas de forças para a captura do lugar (Tommasi, 2013; Barbosa, 2014).

A disputa pelo território da periferia pode ser caracterizada pela relação de posse do Estado versus grupos criminosos organizados, mas não deve ser totalizada como representação da vida nesses espaços como muito é vislumbrado nas mídias. A exemplo disso, o emblema das favelas do Rio de Janeiro e São Paulo, cujos territórios se concentram como referenciais de disputa de poder e dominação de consumo, dos quais as desigualdades sociais são extremamente acentuadas, e muitas práticas artísticas inscrevem modos de resistências no território, inclusive porque na grande parte desses acontecimentos são os jovens mais atravessados por esse embate (Gonçalves & Nercolini, 2018). Essa organização também é derivada da composição de espaços marginalizados (subúrbios, guetos, favelas, etc) produzidos pelo capitalismo e sua capacidade de estratificar e desapropriar comunidades do centro da cidade (Silva, 2019).

Nesse ínterim, a composição das práticas culturais na cidade varia de acordo com os modos de sociabilidade vigentes no espaço, o que revela por um lado as heterogeneidades e pluralidades de estéticas e heranças culturais diferentes de costumes, tradição, comunicação e forma de exposição das memórias de um lugar. Como se trata de um processo que requer a ação do homem, essas diferenças podem estar submetidas às negociações e a administração de interesses, dos quais são apontadas pelas regências das relações de sociabilidade (Barbosa, 2014).

Ao tratar da periferia como território de práticas culturais, o tema do embelezamento das culturas periféricas e as dificuldades de profissionalização assumem um dos grandes desafios das juventudes que atuam diretamente com as artes (Prado, 2014), pois a questão da subsistência individual prevalece como uma condição de sobrevivência, e cuja realidade parece ser apagada com as práticas culturais estereotipadas e reproduzidas como o Funk, a vida de Mc's, dentre outros. Pereira (2016) afirma que há um certo embelezamento das periferias ao trazer à tona suas manifestações culturais como funk, a vida dos MCs ao invés de trazer suas dificuldades cotidianas, a exemplo da dificuldade de profissionalização de jovens (Pereira, 2016). Há uma baixa profissionalização em torno da arte que possibilitasse uma maior gerência de qualidade de vida e sustento, que frente a essa ausência e não oportunização, às artes que persistem se misturam entre uma prática de luta política e subjetivação de seus criadores (Tommasi, 2013).

Vale salientar que as considerações sobre a cultura periférica em alguns estudos (Martins, Barros & Lima, 2015; Pereira, 2016; Laranjeira, Iriart & Luedy, 2018; Silva, 2019) estão aliados ao campo da Arte Urbana, tendo como características: a arte marcada pelos protestos do público e privado, a marginalização da produção artística e da estigmatização da profissionalização nesse ramo, bem como o próprio contexto histórico que emergiu na tradição de culturas como o Hip-Hop, por exemplo em antigos guetos (Gonçalves & Nercolini, 2018). Também é apontado por Prado (2014), que a periferia não é totalmente segmentada de um único viés cultural, e encontra-se presente de expressões outras como a cultura popular, o tradicionalismo regional -

regionalismo, além de regimes eruditos travestidos da desigualdade socioeconômica. As disputas de que tanto se fala no âmbito das expressões culturais não são apenas entre grupaldades, mas também nas ambivalências geracionais e das relações sociais.

Parte dos estudos analisados (Almeida, 2013; Martins, Barros & Lima, 2015; Neves, 2015; Pereira, 2016; Pimentel, 2012; Silva, 2015) compartilham a compreensão de que as práticas culturais periféricas não apenas mostram uma estética artística, um modo de ser no território, mas trata-se também de um exercício cotidiano de atuação política para reivindicar uma outra imagem de periferia nas mídias, sobretudo de que as quebradas são vivas (Almeida, 2013). A chancela de que periferia é droga, guerra, mortes, miséria e outros significantes não são totalidades, e por isso, a dimensão “política” de exercer uma frente na periferia procura retomar o lugar pela potência que ele exerce nas relações sociais, no planejamento de vida e na produção de pertencimento com a periferia (Tommasi, 2013).

A produção ativa das práticas culturais nos territórios periféricos assume também um terreno existencial em que as pessoas se apropriam desse lugar para conquistarem uma visibilidade. Essa necessidade de atribuir destaque a si mesmo, quando mediados pela cultura se torna um processo para saída do anonimato. As invisibilidades são convocadas nos discursos das juventudes que, parece ser a geração mais intrigante a lógica de consumo das produções periféricas. Almejar espaços de visibilidade via consumo embora possa permitir alguma inclusão, esta é temporária, pois, apenas velam os contrastes sociais que fazem perpetuar apenas as individualidades desiguais numa sociedade globalizada (Neves; 2019).

Ainda sobre o tema, Pereira (2016) afirma que uma das práticas culturais mais chanceladas pela produção periférica é o funk. O conteúdo que convoca nas produções reflete uma relação de pertencimento que, seja na música e dança, contribuiu para criar nexos de comunicação entre os sujeitos, até mesmo entre territórios, promovendo partilha de experiências de visibilidade. Os jovens são os grandes precursores desse movimento musical, porém, ritmo funkeiro já é apreciado por todas as idades (Neves; 2019).

Essa relação do funk, bem como dos rappers, por exemplo, muitas vezes é interpretada como uma estereotipização de condutas e comportamentos preconceituosos com a juventude de periferias quando esta se expressa através desses ritmos, além de que são estéticas músicas/dança emparelhadas radicalmente a territórios de condições miseráveis e sem perspectiva de vida. Essa representação como um ponto que contraditoriamente tem sido atravessada pelo preconceito, mas foi captado pelo capitalismo, faz com que o Brasil a nível midiático mundial tivesse a periferia como um emblema de sua economia e sociologia no âmbito da cultura de massa como, por exemplo, nas representações de jovens de sucesso (Silva, 2019).

Por outro lado, a condição de periferia como território perigoso é uma narrativa construída, faz parte de seu processo de formação histórica, sendo a partir disso, que o destaque dado a periferização como uma discussão política em torno da vida se faz questão na literatura científica mais recente. Esse lugar do perigoso está referenciado no racismo, no preconceito das estéticas corporais, do lugar da pobreza, e sobretudo da opressão instituída sobre o sujeito da periferia (Gonçalves & Nercolini, 2018; Silva, 2019).

CRIAÇÕES E MAQUINAÇÕES ARTÍSTICAS EM TERRITÓRIOS PERIFERIZADOS

Nos estudos analisados, os textos teóricos e empíricos apresentam diferentes reflexões das práticas culturais nas periferias do Brasil. Estas práticas abordadas são em sua grande maioria os Rolezinhos, Funk, Beat-box, Maracatu, Teatro, Dança, Graffiti, Pichação, Saraus da Periferia, Reggae, Lambe, Break, K-pop, dentre outras. Segundo Tommasi (2013) e Pereira (2016), no Brasil, essas são práticas culturais das quais a presença é fortemente viva nos territórios de favela e periferia, onde ambas acabam atuando como sinônimos do mesmo emblema - lugares marginalizados. No debate político ambas são sinônimos de território de sobrevivência e do constante processo de legitimação e reconhecimento de suas artes.

A cultura, que inspira as produções artísticas, é também uma forma de representar as relações no mundo que são contextualizadas a partir de saberes

e fazeres que não são universais. Outro elemento presente na narrativa atribuída aos enfoques que tem centralidade de sua análise o consumo é de que culturas produzidas em territórios marginalizados são puramente reflexos de um ordenamento da sociabilidade econômica (centro/periferia) (Prado, 2014). Isto é, na verdade há uma distorção da concepção de território como limítrofe social dos bens de consumo (periferia, pobre e baixo consumo/centro, rico e alto consumo), e não de uma invisibilidade da segregação racial, por exemplo. As práticas culturais são denunciadoras da realidade como ela opera no cotidiano (Barbosa, 2014).

Como a periferia se tornou um território de disputa entre diferentes regimes de poder, pode-se analisar que as práticas culturais como resistências nos processos de embate (da dominação) também se colocam como um artefato que opera diferentes apropriações, desde o fortalecimento de um mercado de consumo até artimanhas para estratégias de politicagem do Estado, como financiamentos relâmpagos de editais de fomento. Se concebermos que as artes trabalhadas na periferia são passíveis de captura apenas pelo consumo, ao invés de um propósito de resistência, talvez não consigamos compreender sua potência transformadora. A questão é que são atribuídos estatutos de política à cultura e as artes, dos quais distorcem o político que elas possuem, em detrimento das diferenças que operam nas relações sociais entre poder e dominação (Tommasi, 2013; Silva, 2019).

Na história da periferia, por exemplo, o movimento Hip-hop foi responsável por uma intensa marca de fundação de um legado de estéticas e atitudes das quais os sujeitos se reconhecem e transmite ao longo das gerações. Os contextos de pobreza, miséria e injustiças sociais foram fatores de indignação que promoveram reivindicar um outro panorama para os territórios marginalizados (visto como periferias, subúrbios e favelas), sobretudo relacionado a criação de artes ligadas ao Hip-hop - dança, música, literaturas poéticas, artes visuais. Uma marca, que é inegável nessa história, é que essa cultura de periferia emergiu frente às desigualdades sociais existentes e o profícuo desejo de mudança da realidade (Tommasi, 2013).

Aliado a essa compreensão de que as práticas culturais são resistências (Gonçalves & Nercolini, 2018), para as juventudes que em sua grande maioria criam estéticas periféricas ligada às artes, por meio de suas experimentações artísticas, os jovens expressam suas corporeidades, performances, comportamentos, comunicações, espetáculos, bem como seus desejos e aspirações, sejam estes relacionados a seus projetos de vida ou não (Tommasi, 2013).

Para Prado (2014), as práticas culturais da periferia devem ser vistas enquanto ações bem-sucedidas, já que circulação, transmissão, consumo e ativismo são coisas peculiares a sua história e emancipação. Vê-se também inerente ao crescimento da visibilidade da arte da periferia a relação que é atribuída ao sucesso individual de quem consegue elevar sua arte ao campo midiático. Essa entrada no mercado do consumo permite uma reprodução e alcance das massas de uma concepção de prática cultural periférica visível, porém esse mecanismo de visibilidade parece delimitar uma suposta fragmentação ilusória, pois ao considerar os sucessos individuais pouco se problematiza a história do território e as lutas travadas pelo coletivo. Tem-se uma questão importante para o movimento da periferia: “o que se democratiza?” (Tommasi, 2013).

A arte como dispositivo de criação da experiência é uma condição da experimentação do sensível. Isso nos faz lembrar de Rancière (2005), de que a arte é política pela sua dimensão de criação e invenção de partilha feita entre os sujeitos, na coletividade. Para Almeida (2013), o fazer artístico não adquire estatuto de liberdade e autonomia porque se atribui dimensões sobre aspectos de sociabilidade e política instrumentadora/técnica do que pode ser arte. Temos então uma relação entre arte e política. Não é a caracterização exclusiva do plano estético que delimita a potência criativa, mas sua força de exercer efeito nas relações e nos processos subjetivadores (Tommasi, 2013).

As experiências que são narradas em muitos estudos são denunciadoras da condição de vulnerabilidade social, o difícil acesso a políticas públicas, e também expressam as indignações das juventudes nas periferias, que na grande maioria é o público narrado nos artigos, e assume função de uma forma de

encontro e facilitação de suas produções artísticas. A exemplo disso, podemos citar as rodas culturais (Gonçalves & Nercolini, 2018) que além de expressão e transmissão de grafitis, Rappers, MC's e outros são também espaços de educação informal.

De fato, falamos de artes no rol das práticas culturais como dispositivos que permitem a exposição e criação do sensível, uma relação estética e política com a subjetividade. Contudo, as artes não criam apenas uma condição da relação de si e para consigo. A produção artística permite a ascensão social, uma destreza para caracterizar e memorizar a herança de um povo. Essa relação com as artes vividas nas periferias também é vista como ferramentas para possibilitar que, por exemplo, crianças e jovens possam idealizar projetos de vida que subvertem as desigualdades sociais. As artes expressadas promovem outro destino que não o do estigma e do preconceito letal, e são essas expressividades abordados nos conteúdos artísticos de suas condições de vida (Tommasi, 2013).

Por isso, as práticas artísticas que contornam os regimes culturais de um território, como as experiências da periferia, por trabalhar em suas especificidades uma reivindicação contra os estigmas e preconceitos com as comunidades periféricas, permitem uma mobilidade territorial, um agenciamento de liderança com a comunidade, notoriedade e respeito. Os engajamentos desse comum - periferia - se somam no reconhecimento da atuação dos movimentos sociais. Estas práticas muitas vezes têm garantido condições para aquisição financeira (Neves; 2019).

Há também estudos (Laranjeira, Iriart & Luedy, 2018; Moura, 2018; Silva, 2018; Neves, 2019) que afirmam que as artes trabalhadas na periferia possibilitam maior trânsito dos sujeitos que a produzem em seu território. Os autores já introduzem que isso se deve a realidade muitas vezes da segurança pública e das administrações de grupos criminosos que criam e ditam regras de mobilidade em detrimento do tráfico de drogas. As artes são garantias em que muitas pessoas conseguem encontrar refúgio frente às durezas do território, onde é possível encontrar algumas “liberdades” frente às mazelas, ao crime, às violências, inclusive o acesso da via pública da cidade. Um exemplo disso são

as trajetórias já ouvidas de diferentes MC's (Neves; 2019). Tommasi (2013)

considera que muitas vezes o reconhecimento das expressões artísticas não garantem o reconhecimento de cidadania de jovens que sofrem com violência repressiva no território.

Os desafios são inúmeros, além dos já discutidos nesta sessão como a perspectiva de projeto de vida, direito de ir e vir, preconceito, etc., uma dificuldade recorrente é o subsídio para a execução de atividades profissionais, sistemáticas e estruturadas (Prado, 2014). Muitas vezes a organização de produções culturais ficam em torno da captação de recursos próprios e, talvez por isso, estejam mais sujeitas às abordagens truculentas de dispositivos repressivos, já que o financiamento do Estado garantiria uma legitimidade de execução nas periferias (Gonçalves & Nercolini, 2018).

Essa “cultura” repressiva de abordagens violentas às práticas culturais periféricas não apenas circunscrevem o território geográfico situado, mas a existência da estereotipização do corpo periférico. A exemplo disso, o emblema dos rolêzinhos que marcaram entre 2016 e 2017 nas grandes metrópoles foi uma experimentação escancarada de que o limítrofe geográfico não define a totalidade do sujeito periférico, mas indica o seu lugar nas tramas das relações sociais, de poder, de consumo e, de dignidade humana. Esse acontecimento colocou em xeque o direito de ocupação na via do protesto à iniciativa privada, e trouxe consigo a maximização da estigmatização de que os jovens, que participavam do rolêzinho eram bandidos, “sem-futuros” (Pereira, 2016). O efeito disso é a reverberação mais recrudescida de uma sujeição criminal aos jovens pobres e negros (Misse, 2010).

NOTAS SOBRE UM DEVIR-PERIFÉRICO NAS EXPERIMENTAÇÕES DE PRÁTICAS CULTURAIS

As práticas culturais que contornam polifonias e experimentações próprias de um lugar também são passíveis de negociações e de regimes dos quais produzem formas de pertencimento divergentes, o que podemos perceber como tensões. E são justamente nesses espaços de confronto subjetivo com os

fenômenos culturais que se criam intersubjetividades. O território periférico não é apenas um chão presente no mapa delimitado pelas suas limitações, é sobretudo, um espaço poroso que se produz trocas e criações (Barbosa, 2014).

São as práticas culturais, compreendidas como esses marcadores que criam uma identidade subjetiva, que suscita no sujeito um reconhecimento de seu território para quem ele deseja se afirmar (Barbosa, 2014). Corrobora com essa ideia, os autores Gonçalves & Nercolini (2018), quando consideram que as práticas culturais são mais do que dissecamentos e estetização da realidade de grupos e territórios. É importante que as negociações, as táticas, as ocupações e os deslocamentos sejam também incorporados em análises sobre a periferia.

A relação do sensível com as artes na periferia ocupa uma relação da qual é analisada a partir da diferença entre ser e estar na periferia. Isso significa que são marcações distintas que só conseguem dar sentido à relação com o território através das narrativas. A ênfase em ser periférico é uma convocação para o lugar de fala e da experiência, que não podem ser confundidos apenas pelo conhecimento das práticas culturais periféricas, mas pela forma como as corporeidades experimentam cotidianamente suas “periferizações” (Tommasi, 2013).

A experiência cotidiana marcada pela condição de periferização é um atravessamento de contestação aos desafios cotidianos da vulnerabilidade da vida (aspectos macrossociais e microssociais). A preservação da história e a transmissão de expressões territoriais, por exemplo, são sinalizadores do pertencimento subjetivo com o local (Gonçalves & Nercolini, 2018). Esses desafios estão presentes nas atitudes de não esperar passivamente pelo Estado, o constante espírito de luta de sobrevivência, a aliança de agir em prol do coletivo e dos próximos, o pertencimento territorial, e por último, no ativismo afirmativo de ser periférico (Tommasi, 2013).

O sentimento de pertencimento com o local é uma característica situada em muitos estudos analisados (Almeida, 2013; Barbosa, 2014; Prado, 2014; Silva, 2019; Laranjeira, Iriart & Luedy, 2018). As questões sociais que envolvem reivindicações abordadas pelas produções artísticas são aliançadas pela implicação com o território também, e não apenas pelas questões geracionais

e estéticas. Essa relação é fruto do trabalho de educação informal desenvolvido pelos grupos que em alguma medida vão promovendo outros tipos de percepções sobre os artistas e as pessoas envolvidas nas produções de intervenções no local (Prado, 2014).

No caso das percepções voltadas para a intervenção do artista, aqui conotado pelo que produz e transmite, existe uma certa naturalização do artista da periferia reduzido a lógica do mercado de consumo. Percebe-se que essa redutibilidade tende a produzir certos apagamentos dos limites políticos da realidade do território e da potencialidade das artes em diversos aspectos interventivos que não seja apenas a comercialização (Tommasi, 2013).

Essas intervenções não são por redução apenas objetivadas ao consumo de massa. São antes disso implicações subjetivas de sujeitos com sua história de vida, suas percepções ambientais e estratégias contra-hegemônica a cultura midiática capitalista (Silva, 2019). As práticas culturais periferizadas inscrevem os sujeitos em seus encontros individuais e coletivos enquanto produtores e produtos de vocabulários e estéticas corporais que marcam um pertencimento com o território e com uma cultura de aposta na visibilidade social, intensamente produzidas pelas geracionalidades juvenis, por exemplo (Neves, 2019).

As performances de ostentação presentes em práticas culturais juvenis tais como o funk criam marcas de subjetivação que sinalizam a perversão capitalista de equidade e equidade social em grupos periferizados (Neves, 2019). A roupa e o uso de apetrechos são simbólicos e políticos ao mesmo tempo, e criam rachaduras na própria imagem de si. O corpo é um dispositivo de reivindicação da intergeracionalidade e da premissa de autonomia a que se propõem algumas práticas. O próprio break - que vem de quebrar - criar uma condição de linguagem do corpo, dos discursos, da sonoridade e da relação entre indivíduos, assim como é no hip-hop, o compartilhamento de ideias é um comum que une o coletivo (Martins; Barros; Lima, 2015).

Fortemente é identificado o reconhecimento das parcerias entre indivíduos e coletivos. O gesto de amizade é uma marca potencializadora da construção de redes de apoio nos territórios, principalmente no caso dos

movimentos sociais (Neves, 2019). Essa construção de relação afetiva é também vista como uma premissa de generosidade e mutualidade que conectam pessoas por conviverem e serem atravessadas pelas mesmas condições de insatisfação e/ou passividade do Estado (Gonçalves & Nercolini, 2018).

Neves (2019) acusa que os signos culturais periferizados são ridicularizados a fantasias e caricaturas de práticas, que devido às imposições impostas do capitalista da cultura de massa e erudita, as pessoas em sua cotidianidade fantasiam um modo de vida que individualiza a questão da precarização do território. De fato, o pertencimento com o território é político devido às marcas da desigualdade social, o direito de ir e vir, o problema do racismo, a escassa oportunidade de ascensão profissional juvenil e outras séries de insustentáveis dificuldades, que acabam por ser combustíveis para fortalecer a luta pelo território, já que para muitos jovens sair desse pedaço de chão pode se maximizar ainda mais a violência. A luta no e pelo território de periferia é de sobrevivência (Almeida, 2019).

Ainda para o autor, esse espaço legitimado pelo coletivo periferia não significa apenas uma apropriação de direito de lugar, mas é também um lócus de cumplicidade das relações sociais e afetivas, e por isso, não basta ocupá-lo, é necessário movimentá-lo e expandi-lo. As artes canceladas como periféricas potencializam esses vínculos e expandem posturas ativistas para com as quebradas (Almeida, 2013).

Embora o tema das práticas culturais não seja dissonante do campo identitário, no âmbito das identidades, a relação estabelecida entre as práticas culturais e os aspectos subjetivo, para Pimentel (2012) e Laranjeira, Iriart e Luedy (2018) indicam uma construção de afinidade e uma autenticação de como o sujeito se percebe e constrói sua narrativa a partir das identidades coletivas e sociais do território periférico. Essa relação identitária também está presente em discussões acerca dos estudos sobre os movimentos sociais e os estudos culturais, uma vez que as práticas exercidas pelos sujeitos em aliança reverberam em frames (ideológicos, interesses de classes, políticas identitárias, etc.) acerca do contexto político e social da contemporaneidade (Moura, 2018).

Esse lugar da identidade periférica também é chancelado pelos seus limites geográficos, mas não se reduz a isso. Essa superficialidade muitas vezes limítrofe do deslocamento das pessoas apenas revela a dialética de que a diferença e desigualdade caminham juntas. O movimento das práticas culturais criadas e reproduzidas pelas juventudes, e não somente por elas, reverberam em circuitos que reforçam uma identidade territorial. Se pensarmos nesse processo como uma borda que produz modos de existência, é justamente nessa fronteira que os dispositivos artísticos encontraram furos para não apenas tornar político e ético o lugar de ser periférico, como também uma afirmação heterogênea que não cabe na definição de uma identidade fixa. O compartilhamento das práticas culturais não é movida apenas pelo que ela é, mas pelo que pode ser feito através dela e de suas significações plurais e singulares (Pimentel, 2012; Laranjeira, Iriart & Luedy, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos incluídos e analisados (N=12) nesta revisão sistemática nos permitem encontrar alguns comuns discutidos pelos autores em torno das práticas culturais, a saber, de como as experimentações que os jovens fazem para protestar o público e o privado, as desigualdades econômicas, as desvantagens de acesso ao mundo do trabalho, a falta de oportunidades para estabelecer um projeto de vida profissionalizante das juventudes com as artes, entre outras mazelas sociais impostas sobre segmentos populacionais específicos, que tensionam as contradições do convívio e dos preconceitos para com as expressões artísticas produzidas na e pela periferia.

Não existe um consenso sobre a definição de práticas culturais, isso se deve a polivalência de epistemologias e teorias difundidas. O tempo, espaço e organização social são pistas importantes para compreender a produção cultural de um território. Já nos aspectos subjetivos da vida cotidiana, isto é, a produção psicossocial dos modos de vida, encontra-se atravessada incondicionalmente pelo marcador território, e por isso, indivíduos e grupos

criam vínculos afetivos e de pertencimento com o espaço que se vive e pelo qual se luta melhores condições de vida.

Encontramos na revisão sistemática algumas pistas para problematizar o devir-periférico, e estas são: a) afetividade e pertencimento com o território e a comunidade; b) trajetória de vida e produção de memórias culturais; c) experiência e lugar de fala na construção de uma narrativa ativista; c) arte como uma estratégia comum de coletivização de forças; d) criações artísticas como produções intersubjetivas e, por isso, a estética como um elemento que se engendra na relação ética e política; e) atuação da juventude a partir de suas práticas culturais, efeito intergeracional de afirmação e atitude de insubmissão, mas também analisador de negociação acerca do seu lugar no território de periferia. Em nossa análise, essas pistas nos sinalizam experimentações. Não se tratam de regras daquilo que faz e pode emergir o lugar do sujeito periférico, mas atribui aos corpos práticas discursivas e não discursivas sobre sujeitos que se reconhecem com sua espacialidade, temporalidade, negociações e afetividades em torno do território periferia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 56, p. 151-172, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n56/07.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ALMEIDA, Marco Antônio. Redes sociotécnicas, convergências e práticas de consumo cultural. *Informação em Pauta*, v. 1, n. 2, p. 9-40, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v1i2.2016.3148>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BARBOSA, Jorge Luiz. A Favela na cena da cultura urbana do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, n. 36, p. 217-234, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18935>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BARROS, Miguel; LIMA, Redy Wilson Andrade Duarte; MARTINS, Rosana. Cultura de rua e políticas juvenis periféricas: aspectos históricos e um olhar ao hip-hop em África e no Brasil. *Revista FAMECOS*, v. 22, n. 1, p. 59-80, 2015. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/23255>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BITTENCOURT, João Batista Menezes; PEREIRA, Alexandre Barbosa. Juventude e Antropologia: uma relação controversa. *Revista Mundaú*, n. 10, p. 12-19, 2021.

BRANCO, Ângela Uchoa. Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. *Pro-posições*, v. 17, n. 2, p. 139-155, 2006.

CARVALHO, Rodrigo Amaro de. O rap indígena como guerra e como cultura: desentendimentos entre jovens e antigos acerca do ñandereko. *Revista Mundaú*, n. 10, p. 70-91, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2021.n.10.11836>. Acesso em: 10 jan. 2023.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, p. 36-61, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>. Acesso em: 10 jan. 2023.

COSTA, Angelo Brandeli.; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: S. H. KOLLER; M. C. P. P. COUTO; J. V. HOHENDORFF (Orgs.). *Manual de Produção Científica*, Porto Alegre: Penso, 2014, p. 55-70.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Sociedade e Estado*, v. 31, p. 51-73, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100004>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. *Revista Famecos*, v. 5, n. 9, p. 87-97, 1998.

ESCOSTERGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: Holfeldt, Antonio, Martino, Luiz C., França, Vera V. (org). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 151-170.

GALVÃO, Taís Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 24, p. 335-342, 2015.

GONÇALVES, Rôssi Alves; NERCOLINI, Marildo J. A cultura urbana periférica-silenciamentos e táticas. *SOLETRAS*, n. 36, p. 34-50, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/34425>. Acesso em: 10 jan. 2023.

LARANJEIRA, Denise.; IRIART, Mirela Figueiredo; LUEDY, Eduardo. Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil. *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 22, n. 2, p. 427-452, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/5614>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MOURA, Joana Tereza Vaz. Dinâmicas dos movimentos sociais: reflexões sobre cultura e oportunidades políticas. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 23, n. 2, p. 390-411, 2018. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/29666>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. *Revista Lua Nova*, v.79, n.1, p. 15-38, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452010000100003>. Acesso em: 10 jan. 2023.

NEVES, João Augusto. Um olhar sobre o processo de subjetivação do MC TS: a favela, o fluxo e (est)ética do consumo. *Periferia*, v. 11, n. 1, p. 260-278, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/30975>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ORTIZ, Renato. Estudos culturais. *Tempo Social*, v. 16, p. 119-127, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702004000100007>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo: juventude, medo e preconceito. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v.14, n.1, p. 545-557, 2016. Disponível em: <http://ns20666.ip-158-69-118.net/rlcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/2385>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PIMENTEL, Adriana Miranda. Sentidos e significados de práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 16, n. 1, p. 31-51, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1373>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PINA, Marcos Roberto Mariano. Trabalho, juventude e lazer no Funk de São Paulo. *Revista Mundaú*, n. 10, p. 55-69, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2021.n.10.11857>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PRADO, Denise Figueiredo Barros. As práticas culturais no Central da periferia: características e argumentos de valor. *RuMoRes*, v. 8, n. 16, p. 129-145, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/89642>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, v. 11, p. 83-89, 2007.

SILVA, Brenda Barbosa. Periferia que transforma: a cultura de sujeitas/os periféricas/os. *Revista Extraprensa*, v. 12, p. 672-695, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/158326>. Acesso em: 10 jan. 2023.

TOMMASI, Livia. Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. *Política & sociedade*, v. 12, n. 23, p. 11-34, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/29379>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto et al. Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: teoria e Pesquisa*, v. 30, 2014, p. 97-104.

Recebido em: 01/02/2023

Aprovado em: 11/03/2023

Publicado em: 27/04/2023